

TRABALHO, SOFRIMENTO E RECONHECIMENTO: A PRIMAZIA DO OUTRO

Bruno

Eduardo

Procopiuk

Walter

Regiane Cristina de Souza

TRABALHO, SOFRIMENTO E RECONHECIMENTO: A PRIMAZIA DO OUTRO

Bruno Eduardo Procopiuk Walter¹
Regiane Cristina de Souza²

Resumo

A centralidade do trabalho ante a constituição da identidade e da saúde mental é uma tese abertamente defendida por Dejours. O trabalho teria, portanto, importância capital sobre os destinos do sofrimento, podendo agravá-lo ou transformá-lo. Para o autor, trabalhar implica necessariamente em uma experiência afetiva desagradável, pois parte da realidade – o real – sempre resiste à técnica, ao conhecimento e à simbolização. Este sofrimento que advém do trabalho pode ou não se articular com o sofrimento da história individual. Quanto há articulação e a situação laboral permite a sublimação – enquanto atividade socialmente valorizada – é possível, então, dar sentido ao trabalho e ao sofrimento, transformando-o em prazer e experiência estruturante. Já quando a organização do trabalho é rígida, não oferecendo espaço de liberdade para alterar a tarefa, e a dinâmica do reconhecimento está paralisada, o indivíduo é levado a uma dinâmica de descompensação psíquica ou somática. Cabe lembrar que o sofrimento afetivo, resultado do encontro com o real, não é apenas um estado de passividade, pois é também ponto origem da inteligência que parte em busca do mundo para se colocar à prova, se transformar e se engrandecer. Temos, portanto, por objetivo apresentar como o sofrimento advindo das relações do trabalhador com o real pode ser subvertido através do reconhecimento pelos pares, sendo transposto, enquanto ganho, para o registro da identidade. Ressaltamos que este processo não se reduz à relação entre o ego e o real, mas inclui necessariamente o “olhar do outro”, a apreciação através dos julgamentos de utilidade e estética que incidem sobre o fazer e não sobre a pessoa. Para dar conta da nossa proposta, basear-nos-emos na teoria psicodinâmica do trabalho que, segundo Dejours, encontra-se situada nas fronteiras da psicanálise com as ciências sociais.

¹ Mestre em psicologia pela UEM, psicólogo organizacional na UTFPR, *Campus* Campo Mourão.

² Professora Ms. no Centro Universitário de Maringá.

Palavras-Chave: trabalho, identidade, sofrimento, reconhecimento e coletividade

Abstract

The centrality of work in relation to identity and mental health formation is a thesis made by Dejours. The generation of suffering depends entirely on the kind of work we do, which is responsible for aggravating or changing this situation. According to the author, working necessarily implies having an unpleasant emotional experience, since it goes from reality - the real - and is always resistant to technique, knowledge and symbolization. Suffering at work may or may not be linked to suffering coming out of the private or family sphere. When there is a link and the employment situation allows for sublimation – as a socially valued activity – it is possible to give work and suffering authentic meaning, transforming it into a pleasing and structuring experience. On the other hand, when the work organization is strict, not allowing for free space to change the task, and there is no recognition dynamics, it can lead the subject to suffering from psychic and somatic decompensation. It is important to highlight that the emotional distress, as the result of the encounter with the real, is not only a passive state of mind, but lies at the origin of the intelligence that sets out in search of the world in order to challenge, transform, and increase itself. This study aims at presenting how suffering generated by the way workers deal with ‘the real’ in a work environment can be subverted through peer recognition, making it possible to transpose it, for identity record. We emphasize that this process is not limited to the relationship between the ego and the real, but it necessarily includes the "appreciation of your peers" the assessment by the utility and the aesthetic judgments that focus on doing and not only on the person. Our proposal relies on the Psychodynamic Theory of Work which is on the borders of psychoanalysis and social sciences according to Dejours.

Key words: work, identity, suffering, recognition and collectivity.

Para Dejours (1999), o trabalho tem importância fundamental sobre os destinos do sofrimento, podendo agravá-lo ou transformá-lo. Como o sofrimento não pode ser eliminado, já que se trata de uma condição existencial como nos ensina a psicanálise, e o trabalho nunca é neutro em sua ação sobre o sofrimento, cabe-nos refletir sobre como o trabalho pode ter um efeito benéfico na construção da saúde mental.

Neste texto, temos por objetivo apresentar como o sofrimento advindo das relações do trabalhador com o real pode ser subvertido através do reconhecimento pelos pares, sendo transposto, enquanto ganho, para o registro da identidade. Neste movimento, em que o sujeito sai fortalecido, ressaltamos a importância capital do outro. Para isto, basear-nos-emos na teoria psicodinâmica do trabalho que, segundo Dejours (2001), encontra-se situada nas fronteiras da psicanálise com as ciências sociais.

Mas o que seria o trabalho? Uma definição preliminar pode ser a seguinte:

aquilo que o sujeito deve acrescentar às prescrições para poder atingir os objetivos que lhe são designados; ou ainda aquilo que ele deve acrescentar de si mesmo para enfrentar o que não funciona quando ele se atém escrupulosamente à execução das prescrições (Dejours, 2004, p.27).

Por mais que o trabalho seja bem concebido, a organização do trabalho seja rigorosa, as instruções e os procedimentos sejam claros, o cumprimento estrito e minucioso daquilo que foi prescrito só pode levar ao fracasso em relação aos objetivos (Dejours, 2004, 2008a). Isto porque entre a tarefa – aquilo que se deseja obter ou aquilo que se deseja fazer – e a atividade – aquilo que é realmente feito – há um hiato, que somente é preenchido pela ação criativa e engenhosa do ser humano.

As prescrições e previsões são sempre insuficientes para dar conta de parte da realidade que resiste à ação humana – são os imprevistos (da matéria, das ferramentas, máquinas e de outros trabalhadores), os incidentes, as anomalias de funcionamento, as incoerências organizacionais, etc. Esta resistência à técnica, ao conhecimento e à simbolização é vivenciada através do fracasso, que pode ser acompanhado por sentimentos de impotência, irritação, cólera, decepção, desânimo, entre outros. Assim, o real caracteriza-se por esta parcela irreduzível da realidade, que se revela ao sujeito sempre afetivamente e de forma desagradável (Dejours, 2004, 2008a, 2008b).

O sofrimento afetivo é, desta forma, o resultado do encontro com o real, uma impressão subjetiva. Mas não é apenas um estado de passividade, pois é também ponto de partida e a origem da inteligência à medida que impele a subjetividade a agir sobre o mundo no intuito de transformar este sofrimento e superar a resistência do real (Dejours, 2004).

O sofrimento advindo do encontro com o real do trabalho pode ter dois destinos: tornar-se patogênico ou criador. O primeiro caso surge quando o trabalhador utilizou

todos os seus recursos para a transformação, gestão e aperfeiçoamento da organização do trabalho, não há mais liberdade para alterar a tarefa. Como as defesas já não cumprem sua função defensiva, o resultado é o adoecimento. No segundo caso, o sofrimento é transformado em prazer e em experiência estruturante, fortalecendo a identidade (Dejours, Abdoucheli e Jayet, 2010; Sznelwar, Uchida e Lancman, 2011).

É preciso dizer que o sofrimento é preexistente ao encontro com a situação do trabalho, pois ele é resultado da imaturidade inata e do desenvolvimento incompleto do ser humano (Dejours, 1999). Dejours (1993) propõe que a criança herda o sofrimento de seus pais, pois ao perceber a angústia destes toma-a como se tratasse do seu próprio sofrimento. Assim, a angústia, o sofrimento e as preocupações fundamentais de seus pais tornam-se para a criança um *enigma* que ela irá carregar consigo ao longo da vida. Se na infância, a criança utiliza do jogo como um espaço dramático para tentar metabolizar os aspectos ameaçadores deste *enigma*, na vida adulta, o teatro do trabalho será o campo privilegiado.

Como entre o teatro da infância e o teatro do trabalho há diferenças que criam ambigüidade, o teatro do trabalho surge como um espaço de negociação entre o infantil e as situações reais do trabalho. Possibilita, assim, através da ressonância simbólica, conjurar a repetição exata e estéril das questões essenciais (Dejours, 1993).

Cabe ressaltar que, de acordo com Dejours (1993), no caso do trabalho, o parceiro da sublimação está situado no espaço social e não mais no espaço privado: “Pela intermediação do trabalho, o sujeito engaja-se nas relações sociais, para onde ele transfere as questões herdadas de seu passado e de sua história afetiva” (p. 157). Assim, a ressonância simbólica aparece com uma condição necessária para a articulação bem-sucedida da dicotomia singular com a sincronia coletiva, para a reconciliação entre o inconsciente e os objetivos da produção.

Assim, este sofrimento que vem da história individual – do passado – pode ou não articular-se com o sofrimento do trabalho – do presente. Quando há articulação e a situação laboral permite a sublimação – enquanto atividade socialmente valorizada – é possível, então, dar sentido ao trabalho e ao sofrimento (Dejours, 2008b).

Se no campo erótico a relação se estabelece apenas entre o sujeito e o outro, no campo social, há um terceiro elemento: o real. É justamente a ação do sujeito sobre o real que se procura apresentar ao outro, procura-se mostrar um “belo” trabalho (Dejours, 1999, 2008a, 2008b).

E que tipo de retribuição se espera pelo trabalho realizado? Dejours (2008b) sugere que ela não é apenas financeira, mas fundamentalmente de natureza simbólica. É através do reconhecimento que se constrói o sentido do trabalho, permitindo que o sofrimento seja transformado em prazer (Dejours, 2008b).

O reconhecimento implica considerar a existência do real, ou seja, que o trabalho não é mera execução da tarefa e que o seu sucesso depende necessariamente da colaboração individual. É através do reconhecimento que a identidade – a armadura da saúde mental – é fortalecida. E como se dá o reconhecimento? Através do julgamento de utilidade e de beleza que incidem sobre o fazer e não sobre o ser (Dejours, 1999, 2008a, 2008b).

Entende-se por julgamento de utilidade a apreciação da utilidade técnica, social ou econômica dos quebra-galhos e das contribuições individuais. Ele é formulado principalmente pelos superiores hierárquicos, mas eventualmente também pode ser feito pelos subordinados e até mesmo pelos clientes (Dejours, 1995, 2005, 2008a; Gernet & Dejours, 2011).

O julgamento de beleza ou estético, de longe o mais importante, é aquele realizado pelos pares, pelos colegas, membros da equipe ou da comunidade – aqueles que conhecem o trabalho de dentro. Refere-se à qualidade do trabalho, sendo por vezes acompanhado do adjetivo “belo” – “bela apresentação!”, “que belo trabalho!”, “belo jeito de fazer!” Se por um lado este julgamento expressa a conformidade do trabalho com as regras da arte, por outro, reconhece a originalidade do que foi feito se comparado às regras do ofício (Dejours, 1995, 2005, 2008a; Gernet & Dejours, 2011).

Estes julgamentos sobre o trabalho realizado, em um segundo momento podem ser deslocados do registro do fazer para o do ser. Desta forma, o trabalho tem participação fundamental na construção da identidade e, por conseguinte, da saúde mental.

Dizer a alguém que ele respeita as regras da arte é, ao mesmo tempo, dizer que ele faz parte da profissão, de uma comunidade de pertencimento. Assim, o julgamento de beleza confere ao indivíduo o pertencimento a um grupo, um coletivo, esconjurando a tão temida solidão social (Dejours, 2004, 2008a).

É necessário, portanto, um espaço público, no qual os diversos atores possam se manifestar e tornar conhecido o seu trabalho enquanto relação ego-real. A sublimação está atrelada a possibilidade de que um outro (re)conheça a contribuição dada pelo sujeito na superação das resistências. Não é sem razão que o trabalhador submete seu

trabalho à crítica, solicitando o julgamento dos pares. Mais do que esperar, ele necessita e deseja este “olhar” de apreciação (Dejours, 1993).

Se o reconhecimento é fundamental para a saúde mental do sujeito, a ausência do reconhecimento tem drásticas conseqüências tanto sobre o indivíduo quanto sobre o coletivo. Implica, primeiramente, em um impedimento de derivar o sofrimento pela significação social levando o indivíduo a uma dinâmica patogênica de descompensação psíquica ou somática (Dejours, 2008b). Com o passar do tempo, a falta de reconhecimento pode conduzir à alienação social desencadeando a depressão, a megalomania ou a paranóia – todas com etiologia diferente da alienação mental (Dejours, 1999).

Depois, pela falta da retribuição esperada sentimentos de injustiça aparecem e o ambiente de confiança se degrada. O individualismo surge e, no plano social, há desmobilização e redução da cooperação (Dejours, 2008a).

Por fim, gostaríamos de resgatar algumas idéias-chaves apresentadas acima. Primeiro, o trabalho nunca é mera execução, mas pressupõe a contribuição e o engajamento individual. Segundo, trabalhar implica em defrontar-se com o real, em frustrar-se e sofrer. Terceiro, através do “olhar do outro” – do reconhecimento – é possível significar o trabalho e o sofrimento, viabilizando a transformação do sofrimento em prazer e fortalecendo a saúde mental.

Conclui-se, portanto, que a centralidade do trabalho para a constituição da identidade e para a manutenção da saúde mental depende, ou está diretamente relacionada, com o papel do outro, enquanto indivíduo e coletivo. Não se trata apenas de vencer o real do trabalho, mas também de fazer seus feitos observados e apreciados por alguém. Pode-se dizer que na teoria de Dejours a centralidade do trabalho depende da noção de alteridade.

Referências

- Dejours, C. (1993). *Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações*. In Chanlat, J. (coord.). *O indivíduo na organização*. (pp. 149-173). 2. ed. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (1999). *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: EAESP/FGV.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, São Paulo, 14 (3), 27-34.

Dejours, C. (2008a). *Cadernos de TTO, 2: A avaliação do trabalho submetida à prova do real*. São Paulo: Blucher.

Dejours, C. (2008b). *Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. In Lancman, S.; sznelwar, L. (Org.). *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. (pp. 57-123). 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; Brasília: Paralelo 15.

Dejours, C., Abdoucheli, E.; Jayet, C. (2010). *Psicodinâmica do trabalho, contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.

Gernet, I.; Dejours, C. (2011). *Avaliação do trabalho e reconhecimento*. In Bendassolli, P.; Soboll, L. (Org). *Clínicas do trabalho*. (pp. 61-70). São Paulo: Atlas.

Sznelwar, L.; Uchida, S.; Lancman, S. (2011). A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo Social*. 23(1), 11-30.